

FEMINILIDADES E MASCULINIDADES DO AMANHÃ: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS EM LÍNGUA INGLESA

Lorena Ribeiro ¹

Priscilla da Silva Figueiredo ²

Maíra de Oliveira Freitas ³

RESUMO

O presente trabalho é fruto das experiências de ensino e da produção de atividades escolares relacionadas à desigualdade de gênero no material didático utilizado nos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente na disciplina de Língua Inglesa. As atividades foram desenvolvidas a partir das reflexões do projeto de Prodocência "Questões de gênero na Escola: Por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na Educação Básica", com atuação no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Diante das limitações apresentadas para inclusão e aplicação dos parâmetros didáticos, no que diz respeito a aspectos relacionados à gênero exigidos pelos editais do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), o presente relato pretende apresentar dinâmicas e sequências didáticas, em língua inglesa, desenvolvidas com a aplicação de recursos literários, audiovisuais e jogos educativos, como meio de enfrentamento e reflexão acerca das dissidências de gênero no ambiente escolar. A perspectiva interseccional é utilizada neste trabalho enquanto aparato teórico metodológico e também como categoria de análise provocadora de questões, por permitir a compreensão sobre as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Como resultados iniciais, a partir das análises de livros didáticos, foram observadas duas questões essenciais acerca das representações discursivas e imagéticas das masculinidades e feminilidades: i) a permanência dos estereótipos femininos de cuidado e tarefas domésticas, juntamente com a inclusão da mulher no mercado de trabalho (dupla jornada); ii) a reprodução de estereótipos cristalizados do masculino, além da manutenção subalterna em relação às abordagens raciais.

Palavras-chave: Gênero, Ensino, Material didático, Língua inglesa

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras/português-francês da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, emailacademico.2019@gmail.com;

² Doutora em Letras pelo PGL/UERJ. Professora adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) - RJ, ProfPriscillafigueiredo@gmail.com;

³ Doutoranda em Educação, ProPEd/UERJ. Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) - RJ, freitasmaira@yahoo.com.br.

Se no Brasil, a cada minuto, 35 mulheres são agredidas física ou verbalmente⁴, vivem sobrecarga emocional por dedicarem mais horas em atividades não remuneradas, como as do cuidado⁵ e os homens possuem maiores taxas de suicídio (quase 3 ou 4 vezes mais recorrente do que em mulheres)⁶, torna-se cada vez mais importantes as iniciativas que visam combater as desigualdades de gênero na sociedade, em seus diferentes aspectos. O ambiente escolar, assim como qualquer outro espaço de convivência, evidencia diversos impasses sociais, visto que a escola, seja qual for, está inserida na sociedade, logo, reflete dinâmicas nela existentes.

Objetivando desenvolver práticas que promovam reflexões sobre as assimetrias de gênero e ao respeito à diversidade étnico-racial e sexual através do ensino na educação básica, o Projeto de Prodocência “Questões de gênero na escola: por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na educação básica”⁷, ao ser implementado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ), buscou contribuir para a formação de professores e professoras com a elaboração de saberes e fazeres que se deem no cotidiano da educação básica, oportunizando reflexões sobre o papel da escola sobre tais dinâmicas sociais.

Com ampla atuação em diferentes anos de escolaridade (desde dos Anos Iniciais até o Ensino Médio, Graduação e pós-graduação), o projeto, de caráter interdepartamental e interdisciplinar, buscou analisar as dinâmicas escolares da instituição e suas demandas a partir do acompanhamento realizado por bolsistas do projeto em turmas de variadas séries,

⁴ Nos últimos 12 meses, 28,9% (18,6 milhões) das mulheres relataram ter sido vítima de algum tipo de violência ou agressão, o maior percentual da série histórica do levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha. ACAYABA Cíntia; HONÓRIO, Gustavo. 35 mulheres foram agredidas física ou verbalmente por minuto no Brasil em 2022, diz pesquisa”. In: O Globo, São Paulo., 02/03/2023 10h00, Acesso em: 5/11/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/02/35-mulheres-foram-agredidas-fisica-ou-verbalmente-por-minuto-no-brasil-em-2022-diz-pesquisa.ghtml>.

⁵Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Agência IBGE Notícias, 2020. Acesso em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Disponível em: 05/11/2023.

⁶ MARÍN-LEÓN, L.; BARROS, M. B. A.. Mortes por suicídio: diferenças de gênero e nível socioeconômico. *Revista de Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. 357–363, jun. 2003.

⁷ Este artigo é resultado do projeto de ensino: “Questões de gênero na escola: por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na educação básica”; financiado pelo Departamento de Estágios e Bolsas/CETREINA da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

trabalhando através da integração no ambiente escolar⁸ para a elaboração de materiais didáticos, mediação com os/as estudantes e trocas com os/as docentes regentes para o planejamento pedagógico, em conjunto de intervenções pontuais e contínuas⁹. Desta forma foi viabilizada a organização de rodas de conversa, palestras, grupos de estudos, cine debates, entre outras ações como a produção de murais interativos no pátio da escola. Essas análises evidenciaram a urgência sobre assuntos como as relações de gênero, a menstruação, a violência, dentre outros que se revelaram enquanto demandas da própria dinâmica da instituição.

Entretanto, devido à predominância de concepções equívocas de gênero na sociedade, fortemente difundidas pelo conservadorismo de setores políticos e religiosos como fator biologizante da divisão do trabalho, da padronização estética e comportamental, houve a necessidade da realização de estudos dedicados à divulgação de referenciais teóricos, modelos de práticas pedagógicas em diferentes séries escolares e ao levantamento de discussões sobre a temática para auxiliar o processo de rompimento das resistências com estudos de gênero no ambiente escolar e assim possibilitar o combate de assimetrias.

Ao propormos abordagens a partir de uma concepção ampla e democrática acerca da diversidade existente na construção de identidades e do olhar para os corpos, para as especificidades fisiológicas, estéticas e comportamentais, adotamos Louro para analisar as dinâmicas das desigualdades promovidas por uma cultura de hierarquizante das diferenças ao supervalorizar um padrão único: o homem cis, branco e heterossexual. Assim, produz e perpetua mecanismos de preconceito, segregação e violência para as existências que não se encaixam nessas categorias. Tais padronizações são construídas socialmente, visto que não são inatas aos indivíduos e sim adquiridas a partir de sua inserção nas concepções e dinâmicas presentes na sociedade em que se encontra:

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p.18)

⁸ A integração do projeto também buscou construir parcerias com outros projetos institucionais como o Projeto de Extensão Universitária “Circularidades na Escola” e os de Iniciação à Docência “Aprendendo e crescendo com os conflitos na escola” e “Por uma didática racial”. Além disso, está inserido no bojo das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisa (re)imaginação da escola e do futuro com as infâncias e juventudes (GEPRIF).

⁹ Utilizamos igualmente a rede social Instagram como ferramenta para a divulgação de informações, ações e de abertura de diálogo com estudantes, responsáveis, professores/as e interessados/as no tema.

Também adotamos a perspectiva da interseccionalidade como categoria de análise, ou seja, compreendemos que outras desigualdades, para além do gênero, atravessam simultaneamente indivíduos, independente do contexto e das dinâmicas sociais que estejam inseridos, pois acionam sistemas de opressão como a misoginia, homofobia, o capacitismo, o racismo e demais opressões oriundas das relações sociais.

QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NA PRODUÇÃO MATERIAIS DIDÁTICOS

A representação de gênero e raça em materiais didáticos da educação básica ainda é atravessado por construções de imagens que reproduzem e dão margens para continuação e perpetuação das desigualdades. Há vários estudos que se debruçam sobre essa problemática a fim de evidenciar assimetrias que impactam diretamente na forma como os alunos se observam, como se relacionam com seus estudos e como interagem com outros indivíduos, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele, em sociedade. No artigo *Representatividade feminina e relações de gênero em um livro de inglês aprovado pelo PNLD*, de Daniela Conegatti, a autora faz diversos apontamentos para o lugar de gênero destinado à mulher no Livro *Way To Go!*, de Cláudio Franco e Kátia Tavares — Material listado no Programa Nacional de Livro Didático de 2018. Nele são poucas as referências a mulheres que, quando aparecem, são representadas enquanto objetos de contemplação nas artes, sem que haja ao menos uma obra de autoria feminina, representações restritas a tarefas domésticas, além da presença de um texto afirmando que mulheres choram mais que homens, além de apresentar a palavra "hormônios" dentre as esperadas para serem localizadas no texto, reforçando um lugar de fragilidade à mulher e induzindo a entender, dado seu contexto, que o choro feminino poderia impedir homens de serem agressivos, algo que também infantiliza a mulher ao ser colocada em igualdade com bebês indefesos.

No Guia digital da PNLD de 2018, destaca-se um dos comentários feitos na resenha realizada sobre o livro:

“No que tange aos temas abordados na coleção, o tratamento dado às questões de gênero, de preconceito e intolerância, de violência (especialmente contra etnias e contra a mulher) também merece complementação, a critério do(a) professor(a), no sentido de incorporar um material que contemple aspectos mais contemporâneos. Merece especial atenção o tratamento de temas que envolvam a

contribuição dos povos indígenas à formação do povo brasileiro, temas que devem ser suplementados.” (PNLD, 2018)

Dado o contexto do cotidiano de trabalho dos professores, no qual muitas vezes falta-se tempo para planejamento e haver um certo despreparo na formação profissional para abordagem de temas acerca da temática de gênero, a utilização deste livro deixa o debate entregue à boa vontade e disposição do professor em aplicar ou não materiais complementares que critiquem posicionamentos discriminatórios feitos por esse livro.

Ainda acerca da Representatividade feminina em livros didáticos, o trabalho *A representatividade feminina nos livros didáticos de história e de sociologia no ensino médio*, de Brena Sirelle Lira de Paula, nos mostra que tal problemática não se restringe à área de ensino de Língua Inglesa ao denunciar a falta de referências femininas com papel ativo na história em livros de sociologia e história. Nele a autora destaca o Machismo implícito nas escolhas lexicais, como por exemplo a utilização da expressão "o homem" para representar toda a humanidade de forma genérica e sem atravessamentos interseccionais, além da alarmante falta de referências bibliográficas femininas, já que, de um total de 434 indicações bibliográficas, apenas 65 constituem obras com a participação de mulheres e uma parcela menor ainda para citações de trabalhos de autoria exclusivamente feminina.

Em *Masculinidades Negras no Livro Didático de Língua Portuguesa*, de Fábio Araújo Oliveira, novamente temos a temática da sub-representação, entretanto, o autor avança nas especificidades da forma em que representações masculinas são construídas em 2 livros das últimas edições do Programa Nacional do Livro Didático. Sua pesquisa aponta como esses materiais negam a diversidade das masculinidades em prol de uma masculinidade hegemônica, branca, hétero e de classe média. Em resumo, o trabalho sinaliza a predominância da representação de pessoas brancas em todo o livro — o que desconsidera dados da realidade brasileira, que tem por sua maioria uma população negra, principalmente se olharmos a realidade de escolas públicas; a predominância da representação de indivíduos negros de pele mais clara, que por sua vez também tem suas feições embraquecidas (narizes e bocas penquenas); representação de pessoas negras em cargos laterais de poder; ausência de literatura infanto juvenil que aborde as masculinidades negras; esporádicas e breves citações de pessoas negras em textos, sendo mais comum encontrá-las em relatos de casos de racismo ou em exemplos do folclore brasileiro; e a retratação de apartamentos confortáveis, quartos individuais, material escolar farto, jogos eletrônicos, viagens e carros (inclusive importados).

Esse conjunto de representações vão sutilmente construindo uma hierarquia em relação a questões raciais e de gênero, visto que pretos e pardos correspondem a 56% da população brasileira (IBGE, 2021). Ademais, considerando que todo livro didático possui um potencial ideológico, transmitindo pensamentos, discursos e visões de mundo, podemos também chegar a conclusão de que as imagens trabalhadas no livro contribuem na construção de um imaginário em que não apenas a escolarização é predominantemente branca, mas o mundo é. Assim, observamos que o livro apresenta uma dissociação da realidade dos alunos da rede pública de ensino, visto que não representam boa parte das crianças de famílias periféricas ou até mesmo de famílias negras, que em média possuem um rendimento mensal quase que duas vezes menor que pessoas brancas (IBGE, 2018)¹⁰.

A partir das observações e estudos realizados no acompanhamento das aulas de Inglês no Ensino Fundamental - Anos finais presenciamos alguns aspectos importantes abordados no livro didático *Bridges* (adquirido pela PNLD), como a presença de gêneros digitais e diferentes culturas que possam dar aos alunos acesso a um mundo globalizado que conecta-se com diversas culturas por meio da língua inglesa, a reflexão sobre acessibilidade para pessoas com deficiência (cegueira) e as transcrições dos áudios permitem que pessoas com deficiência auditiva (bilíngues) tenham acesso ao conteúdo e a valorização da variabilidade linguística, trazendo diversidade de falantes da língua inglesa de outros países ao abordar diferentes sotaques. O material também traz a abordagem de outros temas como a mobilidade urbana, políticas públicas, aspectos sócio-econômicos como a diversidade habitacional, a desigualdade social e a proteção de animais. Os Direitos Humanos, entretanto, apesar de apresentar diversidade cultural, social, racial e possuir certa presença do gênero feminino em outras atividades para além do trabalho doméstico e do cuidado, a forma como as mulheres são representadas ainda aponta para limitações, pois reproduzem o estereótipo de “mulher guerreira”: mulheres que assumem tanto o papel do cuidado e das tarefas domésticas, quanto sua inclusão no mercado de trabalho (dupla jornada). Da mesma forma, a reprodução de estereótipos cristalizados do masculino não inclui a contribuição do homem em tarefas consideradas tradicionalmente menos “masculinas”¹¹, além de apresentar certo embranquecimento nos traços de pessoas negras em representações ilustradas.

¹⁰Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

¹¹ A exemplo dos esportes, são representados em atividades físicas consideradas mais viris como o basquete ou o futebol, quanto mulheres são representadas em esportes como a dança, entre outros.

Segundo dados mais atuais da PNAD Contínua (2019), dos 50 milhões de brasileiros de 14 a 29 anos, 20,2% (que equivalem a 10,1 milhões) não completaram algumas das etapas da educação básica, seja por ter abandonado a escola, ou por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos. Jovens negros, de ambos os sexos representam 59,8% do público fora do ambiente escolar, sobretudo quando observado os de sexo masculino, que somam 34,7%. Entre os motivos de abandonos estão a necessidade de trabalhar (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, destaca-se ainda a gravidez (23,8%) e os afazeres domésticos (11,5%). Portanto, podemos observar, a partir de estatísticas, como a sub-representatividade pode gerar uma falta de interesse e de identificação do aluno com o conteúdo ou a metodologia aplicada, configurando-se, por consequência, em um possível fator que produz a evasão escolar. Portanto, coloca-se em evidência a necessidade de buscar transformações no âmbito da educação.

Contudo, antes de aplicar atividades contextualizadas sobre gênero e raça, foi necessário debater tais conceitos e construir com os estudantes um repertório sobre essas temáticas. Para tal, analisamos o contexto escolar e dinâmicas entre os alunos no ambiente escolar e, posteriormente, organizamos e levamos apontamentos para reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa (re)imaginação da escola e do futuro com as infâncias e juventudes (GEPRIF). Os resultados da reunião indicaram a necessidade da promoção de debates sobre o impacto do machismo nas relações que hierarquizam masculinidades e colocam mulheres e meninas em uma posição subalterna.

Assim, organizamos, divulgamos e promovemos o ciclo de debates sobre as masculinidades, evento realizado em setembro de 2022. Para a discussão, foram convidados dois autores que apresentam novas perspectivas para o campo de pesquisas sobre as masculinidades negras. O palestrante Yago Eloy¹², que é autor de um artigo do livro *Masculinidades Negras: novos debates ganhando formas*, trouxe seus apontamentos e dialogou com os alunos, promovendo reflexões para o campo da educação, para a ausência de literatura infantil Afro/negro brasileira que abordassem a paternidade do homem negro, assim

¹² Yago Eloy é Mestre em relações étnico-raciais pelo CEFET-RJ, especialista em cultura africana pela Faculdade Campos Eliseos 2018 (FCE), é licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2017 (UNIRIO). Dedicar-se aos estudos de literatura brasileira, campo da literatura infantil Afro/Negro brasileira, relações raciais no campo da educação, cultura popular na contemporaneidade e masculinidades negras, com foco no estudo da paternidade.

como a afetividade do mesmo em outros momentos além da infância, evidenciando também a imposição de processos de amadurecimento precoce de jovens e meninos negros.

Já o palestrante Rolf Malungo¹³, autor do livro *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*, trouxe apontamentos sobre expectativas comportamentais para corpos negros no ambiente escolar, suas trajetórias, assim como o uso de parâmetros desiguais para medidas de correção do desvio disciplinar em alunos negros, pardos e brancos.

Foto 1 - Registro do 1º círculo de palestras sobre masculinidades.



Fonte: Autoria própria.

Após os ciclos de palestras, aproveitamos sua contextualização para promover, de forma transversal, a continuidade do tema em sala de aula, para assim construirmos coletivamente caminhos de combate às desigualdades de gênero.

Visando contribuir para a inserção do debate em sala de aula, assim como o aprimoramento das representações de gênero e raça na elaboração de materiais didáticos complementares, voltamos nossa atenção para a produção e promoção dos mesmos.

Assim, foi construído, com algumas turmas de língua inglesa do Ensino Fundamental - Anos finais, dinâmicas que valorizassem representações positivas de gênero e raça por meio da construção de jogos de cartas. Desta forma, foi introduzido o ensino da conjugação verbal do Simple Present a partir da contextualização da atividade. O jogo teve como objetivo trazer

¹³ Rolf Malungo é escritor, antropólogo e professor adjunto na Universidade Federal Fluminense (UFF).

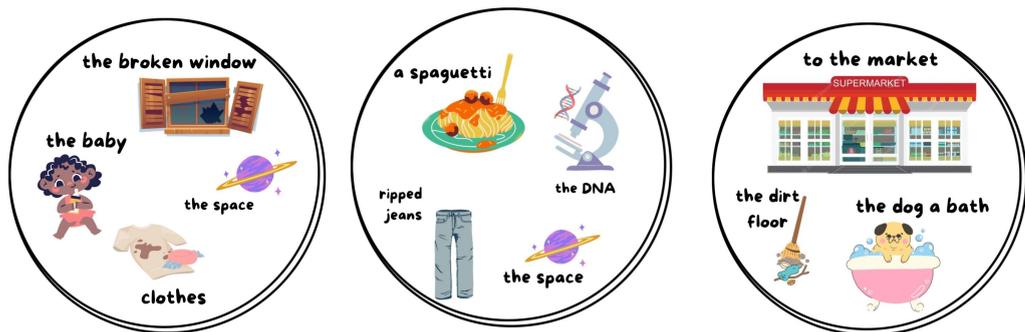
a reflexão sobre a distribuição do trabalho doméstico e do cuidado entre homens e mulheres, em conjunto com a construção de orações e aquisição de vocabulário em língua estrangeira. As cartas retangulares apresentaram as ações, que deveriam ser associadas, com o apoio imagético, ao conjunto de palavras para formar-se frases obtidas nas cartas circulares, como observadas abaixo:

Fotos 2, 3, 4, 5, - Cartas retangulares do jogo.



Fonte: De autoria própria

Imagens 6, 7 e 8 - Cartas circulares do jogo.



Fonte: De autoria própria.

Imagem 9 e 10 — Crianças jogando a dinâmica de conjugação verbal



Fonte: De autoria própria.

No entanto, posteriormente, percebeu-se a necessidade de incluir elementos para além dos afazeres domésticos do cotidiano, como profissões, atividades físicas e de expressão dos

sentimentos. Todas as cartas do jogo foram criadas com representações tanto para homens, quanto para mulheres, com o objetivo de desnaturalizar práticas sexistas e masculinidades normativas, como apresentadas abaixo:

Imagens 11, 12, 13, - Novas cartas retangulares introduzidas no jogo.¹⁴



Fonte: De autoria própria.

Resultados obtidos

Durante o processo de desenvolvimento, surgiram reflexões para a promoção da representatividade. O debate sobre gênero e raça no material didático ocorreu a partir de atividades contextualizadas que foram além do material em si, de modo a pensar também na forma como os discursos seriam aplicados durante a prática pedagógica e quais escolhas lexicais seriam definidas na construção de enunciados e no discurso do professor. Para facilitar a introdução do diálogo e propor possíveis atividades contra o racismo e sexismo, foram discutidos conceitos em realização conjunta com os estudantes para a construção de um repertório sobre tais temáticas.

A análise do livro didático e observações da dinâmica dos alunos em sala também foi essencial para indicar apontamentos de práticas e produção de materiais didáticos, obtendo-se cautela de analisar criticamente o material pedagógico oferecido na escola/sala de aula a fim de observar a forma como são representadas mulheres, homens, pessoas negras, indígenas, pessoas com deficiência e o cuidado com a inclusão de diversidade para que as representações sejam positivas. Para tal, foi necessário responder às perguntas “quem está sendo representado?” e “de que maneira acontece essa representação?”.

Lélia González (2020) diz que a partir:

(...) articulações ideológicas adotadas pelas escolas, nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a

¹⁴ A carta de número 12 possui marcação distinta em vermelho por ser uma das cartas coringas do jogo. Desta forma, os alunos que as possuem têm a possibilidade de pegar uma das combinações já formuladas de outro jogador.

ser conquistado. Em contraste, elas são também induzidas a considerar que ser uma mulher negra e pobre é um dos piores males. Devem-se considerar os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais nossas crianças são submetidas (...) fatores que contribuem para as altas taxas de evasão escolar. (GONZALEZ, 2020, p.160)

Desta forma, a autora nos alerta sobre a constante proliferação, na educação básica, da supervalorização do padrão estético, científico e cultural cishetero e branco-europeu em detrimento de outros tipos de saberes, artes e corpos não-brancos, reforçando a importância de criarmos materiais e práticas que apresentem representatividades positivas.

Destacou-se também a importância de oferecer atividades ou exemplos de homens representados em contextos domésticos, de paternidade e do cuidado em geral, de expressão de afetos e sentimentos para o enfrentamento positivo das emoções, trazer críticas às práticas da masculinidade normativa que hierarquiza, oprime e pode promover práticas violentas diante diversidade de masculinidades. Também é interessante destacar representações de homens e mulheres em carreiras não normativas (exemplo: bailarino x jogadora de futebol), pois contribuiu com a desnaturalização de estereótipos sexistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O engajamento das turmas do Ensino Fundamental - Anos finais com as atividades propostas e os debates que se desenvolveram foram confirmações da importância e da possibilidade de se trabalhar questões de gênero e raça a partir dos anos intermediários da educação básica, buscando a promoção da reflexão crítica sobre desigualdades e o auxílio ao desenvolvimento de uma autoestima saudável, em especial às meninas e aos meninos pretos que são bombardeados frequentemente por representatividades estereotipadas, limitantes e ofensivas, além de enfrentarem episódios de discriminação e racismo, como os próprios alunos expressaram explicitamente nas discussões sobre violência.

É responsabilidade da comunidade escolar buscar e construir mecanismos para a criação de um ambiente mais diverso, respeitoso e inclusivo, no qual as pessoas possam sentir-se seguras e representadas, recebendo estímulos para o seu desenvolvimento intelectual, emocional e relacional. Destacamos também que as atividades planejadas e as demais desenvolvidas pelo projeto visaram compartilhar tanto com os/as estudantes de graduação, bolsistas do projeto, quanto para os professores e as professoras do instituto, as práticas e os

desafios do cotidiano do trabalho nesse campo. Desta forma, todas e todos tiveram a possibilidade de ampliar seu olhar acerca das práticas educacionais, reforçando ainda o espaço escolar enquanto produtor de conhecimento científico e acadêmico. Ressaltamos ainda a importância da construção de maior acervo imagético sobre representações de pessoas negras em ilustrações que não possuam embranquecimento de suas feições e o exercício da paternidade negra, além de ilustrações que representem figuras masculinas expressando emoções sensíveis, como por exemplo o choro, a fim de auxiliar e incentivar o trabalho docente voltado à criação de representações positivas de homens e mulheres na divisão do trabalho doméstico, em profissões de prestígio e em atividades generificadas pelo sexismo.

REFERÊNCIAS

Análise da obra. in Guia Digital PNLD 2018. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2018/>.

CONEGATTI, Daniela. **Representatividade feminina e relações de gênero em um livro de inglês aprovado pelo PNLD.** In *Educação & Linguagem*. v. 24, n. 1. Pp.49-68, jan.-jun. 2021. ISSN Impresso:1415-9902 • ISSN Eletrônico: 2176-1043.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos** /organização Flávia Rios, Márcia Lima. 1 edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

Oliveira, F. A. (2019). **Masculinidades Negras no Livro Didático de Língua Portuguesa.** *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 5(2), 145–171. <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i2.29256>

PAULA, Brena Sirelle Lira de. **A representatividade feminina nos livros didáticos de história e de sociologia no ensino médio.** In XIII Encontro Estadual de História. Histórias e mídias:Narrativa em disputa.

PEREIRA Carolina; CARDOSO, Silene; AARÃO, Sirlene; Melo, Sônia. **Bridges 7º anos: ensino fundamental : anos finais.** 1 Ed. São Paulo: FTD, 2018.

PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Agência IBGE notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio#:~:text=Das%2050%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas,7%25%20eram%20pretos%20ou%20pardos.> Acesso em: 20/08/2023.